Nas bancas

Estudo associa ingestão de leite em pó infantil a cáries

CÉSAR MAIA
RAQUEL DO CARMO SANTOS

Pesquisa desenvolvida na Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP) revela que formulações de leite infantil em pó podem provocar cárie em crianças. O estudo avaliou duas marcas presentes no mercado indicadas para bebês na faixa etária de seis meses a um ano de vida, sendo uma delas produzida à base de proteína animal e a outra, de soja.

Os resultados demonstraram que, mesmo que o leite seja preparado sem adição de açúcar, as chances de desenvolver cárie são grandes. "Nos casos em que o açúcar é acrescentado, a probabilidade dobra", destaca a orientadora do estudo, professora Cínthia Pereira Machado Tabchoury, da Área de Bioquímica.

Segundo a professora, as fórmulas existentes possuem nutrientes recomendados para os bebês na faixa etária indicada e, por isso, muitas vezes são utilizadas como substituto ao leite materno ou como suplemento nutricional. O problema, neste caso, explica a orientadora, é que os componentes da formulação têm efeito no esmalte decíduo, popularmente conhecido como dente de leite.

A professora Cínthia Pereira Machado Tabchoury, orientadora da dissertação: próximo passo será avaliar a composição dos carboidratos das fórmulas

As avaliações foram realizadas pela cirurgiã-dentista Anna Maria Cia de Mazer Papa para obtenção do título de mestre e envolveu 12 voluntários adultos e saudáveis, uma vez que este tipo de teste não pode ser feito em crianças. Os voluntários utilizaram na boca um aparelho palatino em que são acoplados pequenos pedaços ou blocos de dente de leite, e gotejadas as soluções de leite de proteína animal e de soja. Em outro momento, o mesmo procedimento foi repetido, só que os pesquisadores utilizaram água ao invés de leite.

As análises foram feitas simulando uma situação de não-escovação dental e do não-uso do efeito protetor do flúor, que consistem em condições de alto risco de desenvolvimento de cárie. O modelo do estudo utilizado, denominado *in situ,* resultou em dados bastante confiáveis, pois simula situações próximas às que ocorrem na realidade. Cínthia destaca ainda que os resultados apontam para dados novos, uma vez que consideram a ação da saliva e a formação do biofilme dental.

Embora o estudo tenha mostrado o potencial cariogênico dessas formulações infantis, o desenvolvimento das lesões dependerá da freqüência de ingestão dos leites, da higienização dos dentes do bebê e a intensidade do uso de flúor. No próximo passo da pesquisa, Cínthia pretende avaliar a composição dos carboidratos das fórmulas e propor alternativas para diminuir o potencial de desenvolvimento de cáries. O estudo foi co-orientado pelo professor Jaime A. Cury e contou com a colaboração das professoras Altair Antoninha Del Bel Cury e Lívia Maria Andaló Tenuta, todos pertencentes ao quadro docente da FOP.

Ciência forense é tema de dissertação

A perita criminal Patrícia de Cássia Valério Fachone: "A ciência forense ainda está em processo de institucionalização"

Não é raro, atualmente, observar a presença de um perito criminal nas cenas de crimes de repercussão regional, nacional ou internacional. A produção de filmes e seriados, como *CSI*, por exemplo, também se encarrega de popularizar uma área pouco conhecida até alguns anos atrás: a ciência forense. No Brasil, já existem 42 grupos e 71 linhas de pesquisa vinculadas à área, que conta ainda com 125 pesquisadores que se ocupam do tema nas mais diversas especialidades, entre as quais genética, entomologia, computação ou química forense, até as mais conhecidas, como medicina e odontologia legal.

"A noção de que os resultados das perícias criminais têm implicações diretas no futuro veredicto dos envolvidos em um suposto crime é crescente na sociedade em geral. No entanto, a ciência forense consiste em uma área ainda em processo de institucionalização no país", destaca a perita criminal Patrícia de Cássia Valério Fachone, que apresentou trabalho sobre o tema no Instituto de Geociências (IG).

Seu estudo, orientado pela professora Léa Maria Leme Strini Velho, focou basicamente em quatro categorias das ciências forenses para traçar as implicações envolvidas no processo de institucionalização. Patrícia investigou as condições de formação de recursos humanos, o panorama da pesquisa científica, as formas de cooperação entre instituições que operam ou produzem conhecimento e as iniciativas de estabelecimento de políticas específicas. Como o conhecimento sobre o assunto ainda é muito reduzido, Patrícia recorreu à pesquisa exploratória, a partir de entrevistas com 59 pesquisadores da área, 13 dirigentes de institutos de perícias, além de documentos como convênios, relatórios e projetos de lei.

"É fato que não há regulamentação quanto às atribuições de perito oficial em âmbito nacional. A questão de o perito oficial ter a formação em uma área do conhecimento e atuar no cargo de perito em outra constitui um problema", revela Patrícia. No Brasil, os cursos de extensão e programas de pós-graduação em ciência forense nas universidades são escassos. Além disso, há dificuldade na liberação do profissional de suas atividades cotidianas para a qualificação mais especializada.

A pesquisa apontou também que a cooperação entre Universidade e organizações de Perícia Oficial ainda é pontual e deveria ser fortalecida. Com relação às políticas específicas, Patrícia defende a criação e manutenção de bancos de dados. Entre os maiores desafios identificados, ela destaca a gestão institucional das práticas de cadeia de custódia das evidências e a otimização dos processos de controle de qualidade na prestação dos serviços.

Para Patrícia, a criação de políticas públicas poderia resultar na implantação de medidas indicadas para a área. "Neste sentido, o estudo poderá constituir como uma fonte de inspiração à formulação de estratégias que impactem no desenvolvimento da ciência forense brasileira". **(R.C.S.)**

Jovem indígena ignora jogos tradicionais, conclui pesquisa

Os jogos tradicionais realizados ao longo da história dos índios Terena, instalados no Estado do Mato Grosso do Sul, estão sendo abandonados pelos jovens. O contato com a sociedade urbana trouxe para os indígenas sérias mudanças nos hábitos cotidianos e esportivos. Hoje, entre as principais práticas, estão o futebol e o voleibol, que são bastante disseminados nas culturas urbanas. Foi o que apontou a pesquisa desenvolvida por Aluísio Fernandes de Souza e apresentada na Faculdade de Educação Física (FEF). O estudo foi orientado pela professora Maria Beatriz Rocha Ferreira.

"Os índios conhecem bem as regras dos dois esportes, e acredito que a responsabilidade pela adoção das práticas deve-se à influência do contato com a população local ao longo de 200 anos", destaca Souza, que constatou, entre os jovens, um desconhecimento de tradições centenárias como jogos da argolinha, dança do bate-pau e o arco e a flecha.

A Sociedade Indígena Terena pertence ao grupo étnico Guaná e à família lingüística Aruák. Segundo Souza, eles sempre tiveram bom relacionamento com a população urbana até os conflitos gerados na Guerra do Paraguai. "A luta por terras e a espoliação territorial desencadeada extraíram da etnia o espaço necessário para reproduzir seus hábitos, e a levou mais próxima de áreas urbanas", argumenta Aluísio de Souza.

O estudo envolvendo uma das aldeias indígenas mais numerosas daquele Estado investigou, pela primeira vez, o nível de atividade física, relacionando-o ao processo de mudanças sociais. A partir de questionário aplicado para um contingente de 83 voluntários, entre líderes esportivos e jovens e adultos de ambos os sexos, o estudo focou as aldeias Buriti e Córrego do Meio, do Pólo-Base de Sidrolândia, no estado de Mato Grosso do Sul. "De todos os relatos, apenas um apontava para o conhecimento das práticas mais tradicionais", atesta o autor da pesquisa.

O professor de Educação Física realizou ainda um levantamento do percurso histórico da atividade física entre os índios, contemplando aspectos da história étnica, mitos e territorialidade. Isto porque, em estudos anteriores realizado pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa), foi apontado um crescente índice de obesidade e de diabetes *mellitus* nos últimos anos. Como o desenvolvimento dessas doenças está relacionado diretamente à falta de atividade física, Souza quis saber qual o grau de inatividade na população Terena. Pelos resultados, entre os índios mais velhos, ele identificou o seu aumento. "Houve redução nas atividades de extrativismo. As mulheres evidenciaram ser o grupo de maior incidência de sobrepeso e obesidade", relata.

Por outro lado, o grupo de jovens pesquisado pode ser indicado como ativos e muito ativos fisicamente, resultado ocasionado, segundo Souza, provavelmente pela prática freqüente de caminhada e pedalada na rotina cotidiana.

Trave de futebol e barra de exercícios improvisadas em aldeia terena: mudança de hábitos